

Aspectos sociolinguísticos do ensino e do uso da língua Sabanê na aldeia Sowaintê, da Terra Indígena Parque do Aripuanã - RO. Relatório de pesquisa

Sociolinguistic aspects of the teaching and use of the Sabane language in the Sowaintê village, of the Indigenous Land Aripuanã-RO Park. Research report

Fábio Pereira Couto¹

Ivonete Sabanês²

DOI: <https://doi.org/10.26512/rbla.v10i2.20981>

Recebido em abril de 2018

Aceito em junho de 2018

Resumo

O presente trabalho reúne resultados de uma pesquisa de abordagem sociolinguística que demonstra a atual situação do uso e do ensino da língua Sabanê, na aldeia Sowaintê. Os dados para pesquisa foram registrados em várias viagens a campo realizadas nos anos de 2016 e 2017 e revelam que a língua Sabanê se encontra em sério risco de extinção, contando com poucos falantes nativos, sendo que na comunidade foco de nossa investigação, só há dois falantes. Além disso, a língua praticamente não é ensinada na escola, mesmo com o esforço de alguns professores Sabanê em promover o ensino de sua língua nativa. O estudo foi desenvolvido à luz de Dorian (1989) “Investigating obsolescence: studies in language contraction and death”, e em Thomason (2015) “Endangered languages. An introduction.” Consideramos, também, os estudos de Braga e Telles (2014) e de Telles (2002) sobre as línguas da família Nambikwára. Os resultados do estudo mostram o estado avançado de redução de falantes do Sabanê e a urgência da implementação de uma política linguística que possa dar suporte linguístico e pedagógico à revitalização dessa língua.

Palavras-chave: Língua Sabanê. Sociolinguística. Revitalização. Educação Escolar Indígena.

Abstract

The present work brings together results of a sociolinguistic research that demonstrates the current situation of the use and teaching of the Sabanê language in the Sowaintê village. The data for were recorded during several field trips conducted in the years 2016 and 2017 and reveal that the Sabanê language is in serious danger of extinction, with few native speakers,

¹ Professor da Universidade Federal de Rondônia. Coordenador do Laboratório de Línguas e Culturas Indígenas da Unir de Ji-Paraná.

² Professora indígena Sabanê da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sabanê da aldeia Sowaintê.

and in the community focus of our investigation, there are only two speakers. In addition, the language is practically not taught in school, even with the efforts of some Sabanê teachers in promoting the teaching of their native language. The study was developed in the light of Dorian (1989) “Investigating obsolescence: studies in language contraction and death”, and in Thomason (2015) “Endangered languages. An introduction. “We have also considered the studies of Braga and Telles (2014), Telles (2002) and Araújo (2004) on the languages of the Nambikwára family. The results of the study show the advanced state of reduction of speakers of Sabanê and the urgency of the implementation of a linguistic policy that can give linguistic and pedagogical support to the revitalization of that language.

Keywords: Language Sabanê. Sociolinguistics. Revitalization. Indigenous School Education.

Contextualizando o estudo

O presente trabalho tem como objetivo principal reunir resultados da pesquisa sociolinguística desenvolvida nos anos de 2016 e 2017, em colaboração com professores Sabanê, junto a sua comunidade da aldeia Sowaintê, localizada no estado de Rondônia. Nosso foco principal é o de identificar a situação de uso da língua Sabanê, de forma a contribuir com a construção de estratégias que propiciem o resgate do máximo de dados da língua nativa a serem usados no seu ensino às novas gerações, a partir da escola e dela para outros contextos do dia a dia da comunidade Sowaintê.

Foram motivadores iniciais do presente estudo questões como: (i) qual a situação do ensino e do uso da língua pela comunidade?; (ii) qual a real situação do ensino da língua Sabanê na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sowaintê, situada na aldeia Sowaintê da Terra Indígena Parque do Aripuanã (TIPA); (iii) há materiais didáticos de apoio pedagógico para o ensino da língua materna?; (iv) a formação dos professores da comunidade Sowaintê contribui para uma práxis que fortaleça não só o ensino da língua, mas também a cultura do povo Sabanê?

O problema da perda da língua nativa é uma questão recorrente em várias partes do mundo. O Brasil, que tem em seu território aproximadamente 180 línguas indígenas (Cf. Rodrigues 2002), se configura hoje como o país da América do Sul com maior quantidade e diversidade de línguas indígenas. Porém, esse cenário encontra-se ameaçado, já que grande parte dessas línguas está seriamente em situação de perigo de extinção, muitas delas contando com menos de 100 falantes e outras com menos de 10 falantes, como é o caso da Língua Sabanê (Price 1978; Sabanê 2016).

Esse contexto desfavorável à vitalidade das línguas atesta a urgência de ações que possam reverter ou pelo menos minimizar o cenário negativo quanto às suas respectivas continuidades. Nesse contexto, entendemos que as escolas indígenas têm grande responsabilidade nas tentativas de reverter esse quadro, principalmente por ser um lugar de ensino, aprendizagem e reflexão passível

de exercer forte influência na manutenção e no resgate linguístico, como defendem D'Angelis (1997, 2012) e Monserrat (2006, 2018). Considerando essa possibilidade, iniciamos uma pesquisa na escola da aldeia Sowaintê, buscando verificar como a escola, nas pessoas de seus agentes educacionais, estão lidando com a realidade linguística de seu povo.

Para atingir nosso propósito, procuramos desenvolver a pesquisa à luz de estudos que reúnem reflexões sobre a vitalidade de línguas indígenas, políticas e planejamentos linguísticos para o fortalecimento do uso de línguas minoritárias (Dorian 1989; Tomason 2015) e sobre a produção de materiais didáticos e paradidáticos de apoio ao ensino dessas línguas (D'Angelis 1997, 2012; Monserrat 2006). Considerou-se também estudos sobre as línguas e culturas dos povos Nambikwára, principalmente sobre o Sabanê (Price 1978; Telles 2002; Braga e Telles 2014; Araújo 2004; Reesink 2015; Sabanê 2016; Tarallo 1985; Araújo 2004).

O presente estudo contempla aspectos sociolinguísticos e socioculturais do povo Sabanê da Aldeia Sowaintê; apresenta a metodologia em seguida; contextualiza a pesquisa desenvolvida e apresenta os resultados obtidos. Com esse estudo, esperamos contribuir com algumas reflexões sobre o estado da arte da vitalidade da língua Sabanê e sobre caminhos para o seu fortalecimento.

Alguns aspectos socioculturais do povo Sabanê

O povo Sabanê conserva ainda suas práticas culturais milenares, como a pesca tradicional, em que se utiliza uma espécie de flecha, chamada de “sá galho”, feita de palmeira de bassiúba (uma planta semelhante ao bambu) e com arame apontado. Na atividade da pesca, utilizam também o timbó e/ou a linha.

Segundo contam os mais velhos entrevistados em nossa pesquisa, antigamente o povo Sabanê caçava somente com arco e flecha, porém essa forma tradicional de caça foi substituída pela caça por meio de arma de fogo, principalmente espigada.

Os alimentos do povo Sabanê são, na sua grande maioria, alimentos tradicionais coletados na floresta, como o coró (o gongo de patuá), a bacaba, o buriti e outros frutos. Plantam mandioca e milho e, com o contato, foram introduzidos alimentos industrializados como, por exemplo, óleo, sal, açúcar, arroz e biscoitos.

Os anciões da aldeia relatam que as festas típicas do povo Sabanê ainda são fortes, pois há grande esforço para que estas se mantenham, principalmente a “Festa da Menina Moça” e a “Festa de Guerra”, que são as mais praticadas, sendo que a “Festa da Menina Moça” é considerada a principal entre todas. Esta festa ocorre quando a menina Sabanê menstrua pela primeira vez. Nessa ocasião, os mais velhos da aldeia fazem uma reunião com os pais da menina para que ela fique em reclusão, que pode durar de cinco a oito meses, em média. Ao sair da

reclusão é, então, considerada mulher, pronta para casar.

O Sabanê na família linguística Nambikwára

De acordo com a classificação de Rodrigues (2002), a família linguística Nambikwára pode ser dividida em três grandes grupos de línguas faladas em diferentes regiões: Sabanê, Nambikwára do Norte e Nambikwára do Sul. Reesink (2015: 116) considera que essa classificação é baseada em diferenças linguísticas evidentes, e que os Nambikwára do Sul se dividem em subconjuntos do Campo (ou do cerrado), da Chapada dos Parecis e do Vale do Guaporé. Braga e Telles (2014) e Telles (2002) afirmam que são quinze as línguas da família Nambikwára, a saber: (1) Hahãintesú, (2) Alãntesú, (3) Waikisú, (4) Wasúsu, (5) Kithãulhú, (6) Saxuentesú, (7) Halotesú, (8) Wakalitesú, (9) Siwxaisú e (10) Nesú, pertencentes ao grupo do Sul; (1) Latundê, (2) Lakondê, (3) Mamaindê e (4) Negarotê, pertencentes ao grupo do Norte, e o Sabanê, que, sozinho, constitui um sub-ramo da família.

Imagem 1 – Mapa da localização atual da família linguística Nambikwára, adaptado de Braga e Telles (2014).



Com exceção da língua Sabanê, que conta hoje com menos de 20 falantes, dentre os quais falantes proficientes e semi-falantes (Dorian 1989); as outras línguas Nambikwára encontram-se bem preservadas, mas sendo o português falado por todos os Nambikwára do Sul e pela grande maioria dos Nambikwára

do Norte³.

Em meados dos anos 90, ainda existiam falantes da língua Sabanê e do Nambikwára do Norte capazes de falar as três línguas Nambikwára, além do Português. Havia, portanto, uma situação de multilinguíssimo, decorrente da intensa relação de contato entre estes povos e entre eles e os não-indígenas.

Nambikwára do Norte

Segundo consta na literatura sobre a língua Nambikwára do Norte, os seus falantes habitavam os vales do rio Roosevelt e do rio Tenente Marques e também a região mais ao noroeste, que inclui a área banhada pelos rios Cabixi e Piolho. Esses grupos são conhecidos como Da'wandê, Da'wendê, Âlapmintê, Yâlâkuntê (Latundê), Yalakalorê, Mamaindê e Negarotê.

Price (1978) afirma que todos os dialetos do Nambikwára do Norte são mutuamente compreensíveis, apesar das pequenas variações observadas na variedade falada na região dos rios Tenente Marques e Roosevelt e na região do rio Cabixi, habitada tradicionalmente pelos Mamaindê. O autor sugere que o dialeto falado pelos Negarotê, grupo localizado nas margens do rio Piolho, seria um dialeto intermediário em relação aos outros dois. Entretanto, estudos recentes feitos por linguistas do SIL indicam que o dialeto falado pelos Negarotê é muito similar àquele falado pelos Mamaindê.

Nambikwára do Sul

A língua classificada como Nambikwára do Sul é falada no restante do território Nambikwára, que pode ser dividido em três áreas dialetais: a do vale do Juruena, a da região formada pelos rios Galera e Guaporé e a do vale do Sararé (Price 1978).

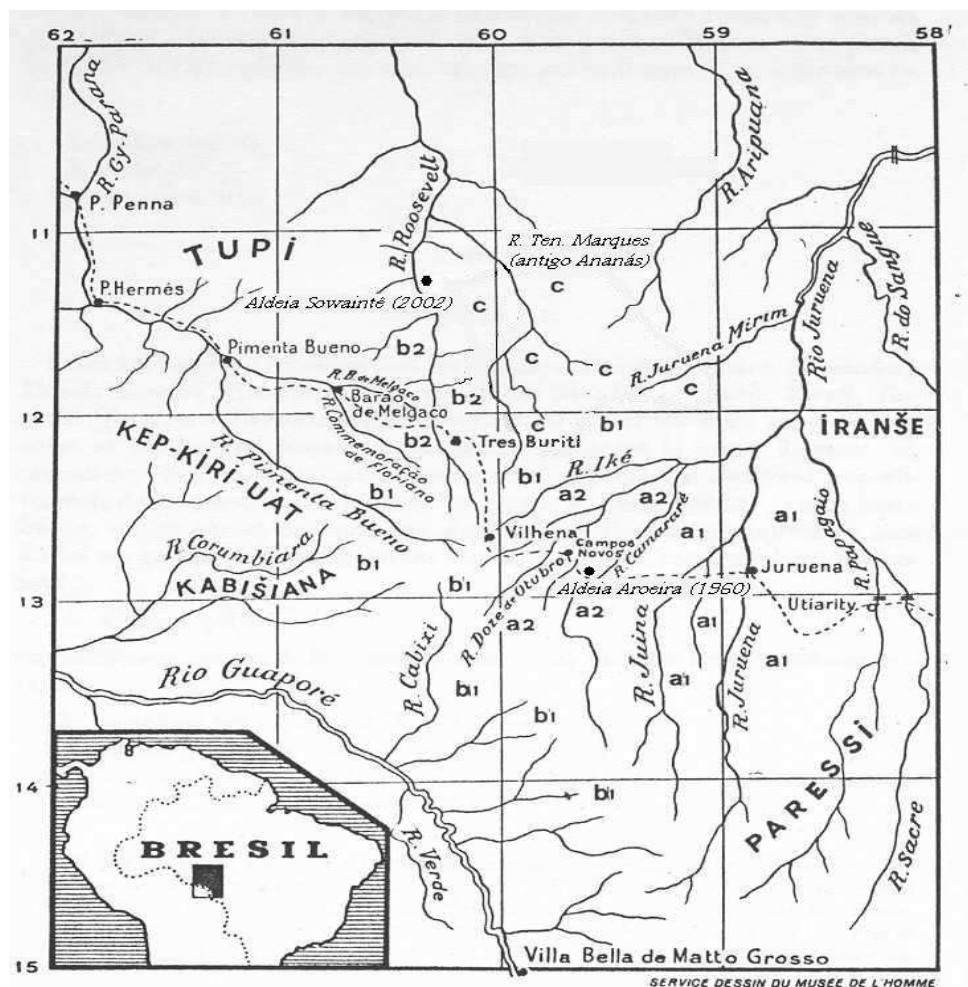
Na região do vale do Juruena, encontram-se os grupos que são referidos na bibliografia como Nambikwára do cerrado ou Nambikwára do campo, os quais se situam no nordeste da chapada dos Parecis e são designados como Halotésu, Kithaulhu, Sawentésu, Wakalitesu e Alakatesu.

A língua Sabanê e local de pesquisa

A nossa pesquisa concentrou as ações na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sowaintê, que está situada no Parque Indígena Aripuanã/ Reserva Roosevelt, em Vilhena – RO e foi criada pelo Decreto nº 17.890 de 29/05/13. (ver Mapa 1 e 2), município de Vilhena, estado de Rondônia. Na aldeia vivem 11 famílias que somam 42 pessoas, sendo que a maioria da população é composta por indivíduos até 30 anos.

³ Informações disponíveis no site: <<https://www.socioambiental.org/pt-br>>.

Imagem 2 – Mapa da região habitada pelos Sabanê elaborado por Lévi-Strauss (1948), apud Araújo (2004, p. 5)



CARTE n° 1.

Ligne télégraphique : - - - - -

Consoante Price (1978), a língua Sabanê é falada por grupos que habitavam o extremo norte do território Nambikwára, ao norte do rio Iquê, na região entre os rios Tenente Marques e Juruena. Como já mencionado anteriormente, o autor afirma que a língua Sabanê apresenta grandes diferenças em relação às outras duas línguas da família Nambikwára.

Em estudos comparativos, Price (1978), Araújo (2004) e Reesink (2015) mencionam o alto número de cognatos observados entre o Sabanê e as outras duas línguas Nambikwára, e observam que, mesmo havendo diferenças entre elas, a língua Sabanê apresenta características linguísticas suficientes para ser considerada como pertence à mesma família linguística. Exemplos de cognatos que mostram ser o Sabanê pertencente à família Nambikwára são dados por Rodrigues (2002), repetidos aqui na Tabela 1, seguinte:

Tabela 1 – Dados comparativos de línguas da família linguística Nambikwára (Rodrigues, 2002:75)

	Sabanê	N. do Norte	N. do Sul
Dente	wi	wi:	w'i
língua	pai:l	hen'	hel'
Ovo	no	nã:	nau
Terra	nu	nũ:	nu
Criança	mais	wet	wet
Lombriga	y'o:y'o	yayut	yũyũn
Fumo	hais	'et	'et
Você	w'al	wai:na	w'ãin
Teu	ma	wa	w'ã
Arco	po:k	huk	hukk'
Branco	pa:n	hãn	hãn
Beber	na:	na:	na:
Vir	ma:	wa:	w'ãn
Cantar	pãi:n	hain	hain

Segundo Price (1978) e Araújo (2004), os grupos falantes de Sabanê foram severamente afetados pelas epidemias decorrentes do contato e muitos deles foram extintos. Atualmente, a maioria dos remanescentes desses grupos encontra-se na Terra Indígena Pireneus de Souza e alguns dos Sabanê vivem com os Mamaindê, sendo que algumas famílias migraram para a cidade de

Vilhena (RO). Reesink (2015: 114) observa sobre os Sabanê, que:

(...) se destacam no conjunto da *etnia* usualmente conhecido por Nambikwára por sua maior diferença linguística e, ao que tudo indica, também por sua diferenciação sociocultural. Ou seja, posicionado fora dos grandes ramos dos Nambikwára do Norte e do Sul, o povo Sabanê é aquele povo com uma língua ininteligível para com as outras línguas e com certos traços socioculturais particulares que o põem um tanto à margem das grandes linhas socioculturais normalmente pensadas como características dos Nambikwára.

O Sr. Manoel Sabanê de 95 anos e a Sra. Ivone Sabanê de 68 anos, pais de Ivanete Sabanê, coautora deste estudo, afirmam, em entrevista que nos concederam, que hoje em dia a língua Sabanê é falada quase que exclusivamente em contexto familiar. Ressaltou que a língua é falada por ele, por sua esposa e por outras 12 pessoas (aproximadamente) que vivem na Terra Indígena Pirineus de Souza, mas que apenas cerca de oito destas falam a língua de forma tradicional e proficiente.

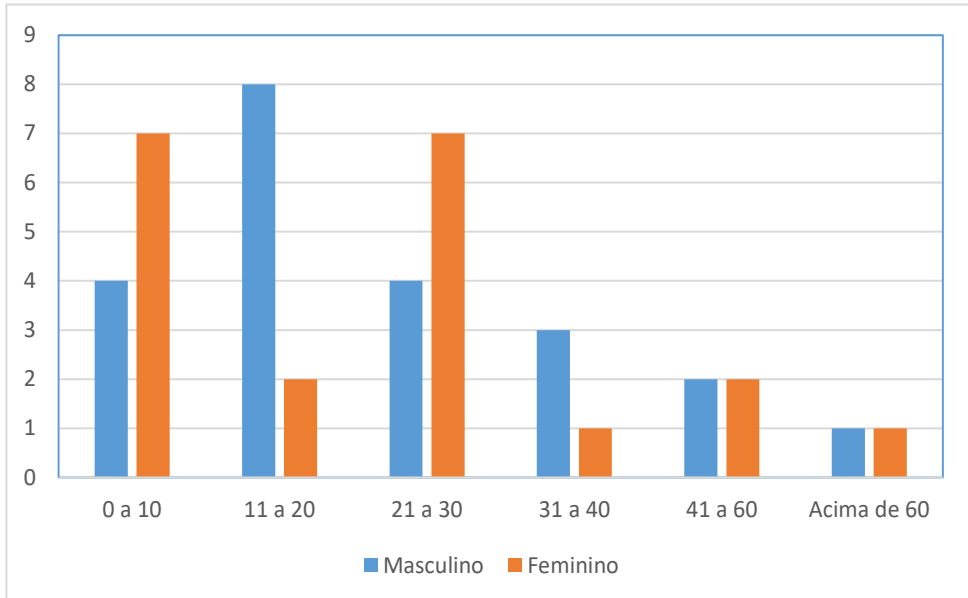
Contextualização da pesquisa

A proposta de investigação foi elaborada em função da preocupação de alguns professores Sabanê com o fato de que a língua e vários elementos da cultura do seu povo não estavam sendo trabalhados de forma efetiva na escola, o que teria provocado grande inquietação por parte da comunidade. A metodologia adotada para a pesquisa considerou, dessa forma, a fundamental participação dos professores indígenas.

No que se refere à natureza da pesquisa, trata-se de uma pesquisa que tem procurado identificar as características socioculturais e sociolinguísticas dos alunos, professores e demais membros da comunidade, por meio da aplicação de procedimentos padronizados de coleta de dados, seguindo Tarallo (1985), tais como questionários e entrevistas, os quais permitem obter informações referentes à idade, sexo e conhecimento e uso da língua nativa e do Português, por exemplo, por parte dos entrevistados. Entrevistamos um grupo significativo de pessoas, e os dados obtidos foram analisados quantitativamente e qualitativamente.

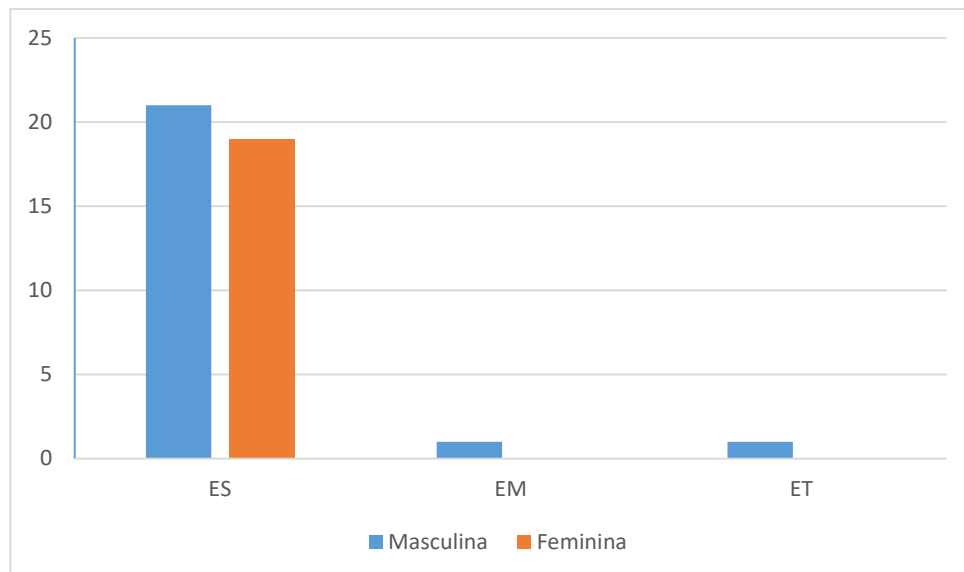
A realidade sociolinguística da aldeia Sowaintê

Segundo o último censo do IBGE (2010) a população Sabanê era constituída, até essa data, de 262 indivíduos, sendo 125 homes e 137 mulheres. Durante a última etapa de nossa pesquisa (jan. 2017), verificamos que 42 indivíduos vivem na aldeia Sowaintê (Gráfico 1).

Gráfico 1 – População da Aldeia Sowaintê de acordo com a idade e sexo

Os dados do Gráfico (1) evidenciam que a maioria da população que vive na Aldeia Sowaintê é do sexo masculino (22 no total de 44) e composta por jovens, principalmente com idade que varia de 11 a 30 anos. Isso indica que a situação da língua é preocupante, uma vez que a população é de maioria jovem e, como a investigação mostrou, essa maioria não fala a língua nativa Sabanê (ver Gráfico 3). Nesse sentido, seria importante fazer um trabalho, que se inicia na escola (Cf. D'Ángelis 1987, Brasil 1998) e que proponha estudos e práticas de uso da língua, pois do contrário elementos da língua como nome de plantas, de animais, insetos, dentre outros, acabarão em desuso; se perdendo, caso não sejam implementadas políticas linguísticas que possam, de alguma forma, contribuir para a revitalização da língua. Outras ações também merecem atenção, como, por exemplo, elaboração de materiais pedagógicos e descritivos da língua para que sirvam como fonte de conhecimento para o seu ensino e uso para além da escola, em outros ambientes na aldeia, inclusive dentro de casa, no dia-dia com a família, e durante festas tradicionais e demais eventos culturais, que ainda são praticados pelo povo.

Gráfico 2 – População da Aldeia Sowaintê: etnia Sabanê (ES), Manduka (EM) e Tawandê (ET)



A população da aldeia é composta por indivíduos de três grupos Nambikwára, Manduka (1), Tawantê (1) e Sabanê. Os dados demonstram que há uma situação multiétnica nessa aldeia, a qual já foi muito mais intensa em outros lugares e momentos, conforme relatado por Price (1978) e confirmado pelos entrevistados, o que evidencia que esse cenário multiétnico e inicialmente multilíngue acabou acelerando o processo de diminuição do uso da língua indígena Sabanê, proporcionando ainda o processo de substituição dessa língua pela língua portuguesa, que hoje é a língua falada pela maioria dos Sabanê.

Tudo o que vimos até o momento mostra que o cenário linguístico é preocupante, por isso há de se encontrar meios pedagógicos e linguísticos que possam estimular professores, alunos e comunidade a buscar e desenvolver coletivamente estratégias de documentação e ensino-aprendizagem da língua nativa, visando a sua revitalização.

A atual realidade da Escola Indígena de Ensino Fundamental e Médio Sowaintê

Segundo informaram os professores, antes da criação oficial, atividades pedagógicas já eram realizadas desde de julho de 2003 com nove 9 alunos matriculados nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Já em abril de 2005, passaram a atender dezenove alunos de 5ª à 8ª série, no âmbito do Projeto Telensino. Até 2007, só era oferecido o ensino fundamental até a 4ª série e, em 2008, com as Portarias nº 562 e 563/08 – GAB/SEDUC, passou-se a ofertar a 9ª série; em 2010, a escola volta a atender da 1ª à 9ª série do ensino fundamental.

Em 22 de Maio de 2009, são publicados o Decreto de Criação nº 14.302/09 e a Portaria nº 1030/10 – GAB/SEDUC que autorizam o funcionamento da Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Sowaintê. Em 2013, a escola passa a oferecer o Ensino Fundamental e o Ensino Médio respaldada pelo decreto nº. 17.890 de 29/05/13 (Cf. PPP, 2014).

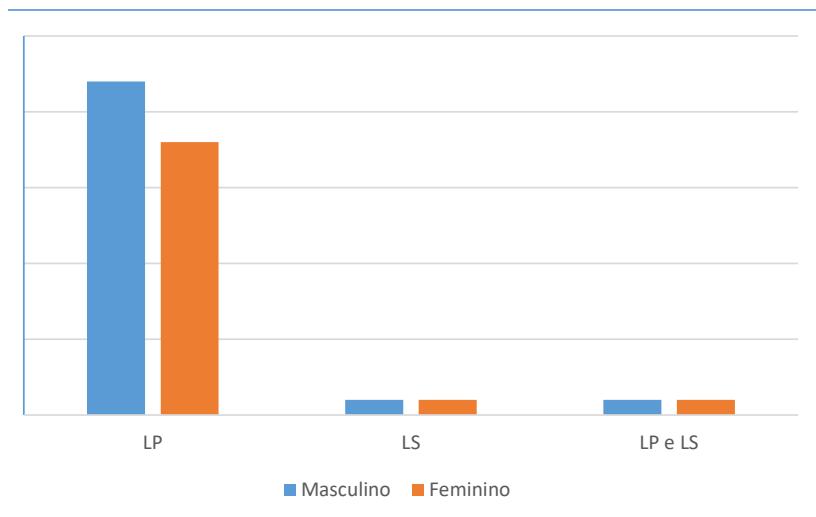
Imagem 3 – Foto da sala de aula com alunos de todas as séries na aula de arte (arquivo pessoal de Ivonete Sabanês, 2016).



Imagem 4 – Foto da visão externa lateral da Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sowaintê (Arquivo pessoal de Ivonete Sabanês, 2016).



Gráfico 3 – Proficiência em língua oral: língua portuguesa (LP), língua Sabanê (LS), Língua Sabanê e Língua portuguesa (LS e LP) e outras línguas.



Os dados do Gráfico (3) demonstram claramente a real situação da língua Sabanê na comunidade investigada, evidenciado que se não fossem os dois falantes da língua nativa Sabanê que vivem nesta comunidade, o Sr. Manoel Sabanê de 95 anos e a Sra. Ivone Sabanê de 68, a língua na aldeia Sowaintê já estaria completamente extinta.

Uso e ensino da língua nativa indígena Sabanê na escola

A língua Sabanê é um dos exemplos de “dormência de língua, ou seja, morte de língua a menos e até a língua é trazida de volta para vida” (Thomason 2015:42). Este é um dos momentos finais do declínio de uma língua que a leva à situação de ameaça e de desaparecimento; um estágio em que as crianças não aprendem mais a sua língua de herança como primeira língua, de forma que o número de falantes fluentes encolhe no âmbito das novas gerações até que não reste nenhum deles. Thomason acrescenta que, nesse processo, os contextos em que a língua nativa é falada se contrai até que se torne estritamente uma língua falada em casa.

Na escola, a disciplina ‘Língua Materna’ é ministrada por Ivonete Sabanês, que produz seu próprio material, constituído principalmente de listas de vocabulários que organiza com a ajuda de seu pai, suprimindo, assim, a falta de materiais específicos para se trabalhar a língua materna, mesmo constando essa disciplina no Projeto Político Pedagógico da escola (PPP, 2014). Segundo Ivonete, a ausência de materiais de apoio prejudica muito o ensino da língua materna. Além do problema da falta de materiais, há o fato a língua portuguesa ser a primeira língua (L1) da professora e dos alunos e não a língua Sabanê.

E foi justamente a situação de vitalidade da língua Sabanê, que não é mais transmitida para as novas gerações, sendo falada apenas pelos mais velhos e em alguns contextos familiares que nos levou a pensar estratégias para revitalizá-la a partir da escola, estimulando a sua transmissão nos núcleos familiares que contam com falantes da língua.

Sabemos que é necessário um conjunto de ações para que os alunos se conscientizem da importância da língua nativa e queiram aprendê-la, o que não é uma tarefa fácil. Por outro lado, há conhecimento de casos de sucesso de revitalização de línguas indígenas em outras partes do mundo, o que alimenta as esperanças dos professores Sabanê de lutarem para que a língua de seus ancestrais volte a ser transmitida e ensinada também na escola.

Os dados obtidos com a pesquisa realizada junto aos alunos do ensino fundamental da 6ª a 8ª série mostram que todos eles moram na comunidade Sowaintê e que há um certo equilíbrio entre a quantidade de alunos do sexo masculino (total de 7) e alunos do sexo feminino (total de 9). Os dados mostram também que os alunos aprenderam a ler com um atraso de dois a três anos e que, com uma exceção de um aluno, os demais não falam a língua indígena e não há ambiente familiar que possibilite a aprendizagem da língua, já que as famílias desta comunidade não falam mais a língua Sabanê, salvo duas únicas pessoas que conversam na língua nativa. São esses falantes que estão preocupados com os jovens, no sentido de que estes precisam estudar e falar um pouco da língua e aprender as músicas cantadas em rituais tradicionais.

Os dados mostram ainda que, na visão dos alunos, a língua vai desaparecer, e que gostariam que existissem respostas mais positivas, quanto às possibilidades de retomada da língua nativa. Apesar do cenário completamente adverso à retomada da língua Sabanê, os relatos individuais colhidos na pesquisa revelam um grande esforço por parte dos professores indígenas de produzirem materiais pedagógicos para o ensino da língua na escola, mesmo que estes se reduzam a listas de palavras relativas à fauna e à flora. Os professores também têm programado atividades de campo para valorização de elementos da cultura. Como pudemos diagnosticar, por meio de nossa pesquisa, todos os indígenas têm uma boa proficiência na língua portuguesa, inclusive os dois únicos falantes nativos do Sabanê, que são os únicos bilíngues da aldeia, o que demonstra que o contato com falantes de língua portuguesa ocorreu e permaneceu desde muito tempo, ou a tempo suficiente para fazer predominar a língua portuguesa como língua majoritária e dominante no contexto Sabanê. Outro ponto importante verificado na pesquisa é de que a população da Aldeia Sowaintê, como ocorre na maioria das populações indígenas de Rondônia e do Brasil (D'Angelis 2007, Monserrat 2006, Brasil 2008), não tem a tradição da escrita, e não há, conseqüentemente, uso efetivo e eficiente da língua nativa escrita.

Nosso estudo evidenciou um quadro preocupante em relação à língua

Sabanê, pois a população jovem não fala a língua. Faz-se necessário, portanto, um conjunto de ações que possam proporcionar o ensino da língua, seja por meio de um ninho linguístico, tendo à frente Manoel Sabanê e Ivone Sabanê, seja por meio de oficinas para a documentação e estudo da língua com a participação de todos os falantes da língua, seja por meio da escola, mesmo que inicialmente o ensino da língua Sabanê se dê por meio dos materiais confeccionados até o presente, constituídos de palavras e frases. Mas a ideia é promover a documentação máxima da língua e dar continuidade ao seu estudo linguístico, já iniciado por Araújo (2004) e estimular a participação efetiva dos falantes da língua a encontrar estratégias que possam usar para que transmitam o seu conhecimento maximamente aos mais jovens.

Algumas considerações adicionais

O presente estudo teve como objetivo principal verificar qual a real situação do uso da língua Sabanê, com foco especial na prática de seu ensino-aprendizagem na escola da Aldeia Sowaintê, como forma de fomentar ações linguísticas de resgate e revitalização da língua.

Os resultados da pesquisa mostram que a situação sociolinguística atual da comunidade é preocupante. Verificamos que os alunos, que são representados pela população mais jovem, não falam a língua Sabanê e tão pouco têm interesse sobre o tema, uma vez que a língua portuguesa é a que eles consideram a língua de prestígio, o que torna a tarefa de ensino da língua ainda mais difícil. Contudo, encontramos nas falas dos professores e da população mais velha a vontade de que se possa resgatar e revitalizar a língua Sabanê, pois para essas pessoas só a língua indígena é capaz de expressar a verdadeira cultura e identidade do povo. A esse respeito, D'Angelis (2012: 201) afirma ser “indispensável que os educadores indígenas tenham real apreço por sua língua materna e uma atitude efetivamente positiva face a elas”.

Ressaltamos que, nesse primeiro momento, a nossa opção foi iniciar a pesquisa na comunidade Sowaintê na T.I. Parque do Aripuanã, uma vez que a coautora deste trabalho é professora e indígena Sabanê, embora pretendamos juntos dar continuidade à pesquisa, ampliando a investigação para as demais comunidades Sabanê. Também focamos a investigação na escola, pois entendemos que o espaço escolar é um ambiente propício ao fortalecimento tanto da língua como de outras práticas culturais dos povos (Sabanês 2016).

Fruto dos esforços dos professores tem sido a elaboração de um dicionário ilustrado, realizado com assessoria de linguistas da UNIR e que já conta com aproximadamente 1000 entradas. A continuidade da construção do dicionário levará em conta sugestões dadas por Thomason (2015) para elaboração de dicionários, como, por exemplo, solicitar definições de palavras na própria língua, de forma a reunir entradas monolíngues.

Naturalmente, a documentação da língua primará pela coleta de textos, músicas, recitas, descrições de práticas culturais. Há necessidade de documentação máxima e urgente e da análise linguística da língua com a participação efetiva dos professores Sabanê.

Esperamos ampliar a documentação e estudo da língua Sabanê com a participação ativa dos seus últimos falantes de forma a não deixar a língua indígena esvaír-se, buscando os meios possíveis para revitalizá-la.

Referências

- Araújo, G. A. de. 2004. *A Grammar of Sabanê, a Nambikwaran Language*. Utrecht: LOT.
- Braga, A. G.; Telles, Stella. 2014. O comportamento do traço laringal em línguas Nambikwára do Norte: comparação entre o Latundê e o Negarotê. Universidade Federal do Rio de Janeiro: *Linguística*, vol. 10, n. 2.
- Brasil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. 1998. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília: MEC/SEF.
- D'Ángelis, W.; Veiga, J. (Orgs.). 1997. *Leitura e Escrita em escolas indígenas*. Campinas/São Paulo: ALB/Mercado das Letras.
- _____. 2012. *Aprisionando sonhos: a educação escolar indígena no Brasil*. Campinas, SP: Curt Nimuendajú.
- Dorian, Nancy C. 1989. *Investigating Obsolescence: studies in language contraction and death*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gil, A. C.. 2008. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Monserrat, R. M. F. 2006. *Política e Planejamento Linguístico nas sociedades indígenas do Brasil hoje: o espaço e o futuro das línguas indígenas*. In: Formação de professores indígenas: repensando trajetórias. Luís Donisete Benzi Grupioni (Org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 131-154.
- Projeto Político Pedagógico Da Escola Indígena De Ensino Fundamental E Médio Sowaintê. 2014. Vilhena – RO: SEDUC.
- Price, P. D.. 1978. The Nambiquara linguistic family. In: *Anthropological Linguistics*, vol. 20, n. 1, p. 14-37.
- Reesink, E.. 2015. Os Sabanê e os povos do Nambikwara do Norte: etno-histórias das ruínas da história e de recriações tardias. Campo Grande, MS: *Tellus*, ano 15, n. 29, p. 113-133, jul./dez.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 2002. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 4. Ed. São Paulo: Loyola.

- Sabanês, Ivonete. 2016. *A atual situação do ensino e do uso da língua Sabanê na escola e na comunidade da aldeia Sowaintê: uma investigação sociolinguística para revitalização da língua tradicional indígena*. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Ji-Paraná, RO: Unir, p. 110.
- Tarallo, F. 1985. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática.
- Thomason, S. G. 2015. *Endangered Languages. an Introduction*. Cambridge Textbooks in *Linguistics*. United Kingdom: Cambridge University Press.
- Telles, Stella. 2002. *Fonologia e Gramática Latundê/Lakondê*. Tese (Doutorado em Letras). Amsterdam: Vrije Universiteit Amsterdam.